

Por uma antropologia da experiência em Nishida Kitaro

Igor de Benedetto e Silva*

Resumo

Este artigo visa apresentar o desenvolvimento do pensamento de Nishida Kitaro (1870-1945) em um contexto de ingresso do Império Japonês na dinâmica geopolítica global e consequente influência do pensamento ocidental com um viés antropológico. Busca-se compreender a inserção do homem no mundo a partir deste pensamento, utilizando fundamentos zen-budistas em conjunto com conceitos clássicos da filosofia ocidental e seus pensadores contemporâneos, além dos próprios textos de Kitaro e de seus comentadores. Uma das principais ideias desenvolvidas ao longo do texto é a compreensão da ótica kitariana acerca do mundo em um contexto de diálogo, este desenvolvido com um viés no espírito filosófico japonês, o *seishin*, este como um ambiente onde as contradições se atualizam e se desenrolam. Como conclusão obteve-se que o pensamento kitariano lê a filosofia ocidental a partir de uma ótica fundamentalmente zen-budista.

Introdução

O presente artigo se situa no contexto do desenrolar da Era Meiji e a consequente abertura do Japão à diplomacia global a partir do século XIX. Como consequência a tal abertura, este momento gerou um choque cultural dentro do país, acabando por interferir no direcionamento do pensamento japonês, principalmente durante o início do século XX, acabando por ser fortemente influenciado pelo pensamento filosófico ocidental. Na mesma época, filósofos japoneses se notabilizaram por constituir diálogos entre as duas formas de pensamento.

* Licenciatura em Filosofia – FAE
Centro Universitário. E-mail:
gobenedetto@gmail.com

Com relação aos referidos diálogos entre o pensamento tradicional japonês e a filosofia ocidental, este artigo estabelece como foco principal o pensador Nishida Kitaro como representante da perspectiva oriental deste diálogo e consequentemente os pensadores ligados a este, incluindo-se também filósofos com quem Nishida traçou paralelos diretos ao longo de sua obra, como Hegel (1770-1831).

Este trabalho volta sua atenção, além de todas as referências históricas e biográficas, para argumentos estabelecidos e exercitados por Nishida Kitaro para a manutenção do paralelo entre as linhas oriental e ocidental, especificamente no que consiste a um pensamento antropológico kitariano, muito embora este nunca tenha escrito especificamente sobre antropologia filosófica.

Assim, o objetivo geral é o de compreender a conciliação do pensamento tradicional japonês com a filosofia ocidental, no início do século XX, presente nas fundamentações de Nishida Kitaro, extraindo como base uma interpretação da visão kitariana de inserção do homem no mundo.

Ademais, dentre os objetivos específicos do presente artigo destaca-se a apresentação do próprio Nishida Kitaro como filósofo e o contexto histórico em que ele viveu, salientando que a abertura do Oriente ao Ocidente foi muito além do aspecto econômico e comercial, tendo por si fundamentado aspectos importantes da relação cultural entre os dois extremos do planeta.

Além disso, busca-se desenvolver uma compreensão acerca da constituição da Escola de Kyoto como reduto de estudos filosóficos do Japão, lembrando que Kitaro foi professor de filosofia da Universidade de Kyoto, e como esta se relacionou e apresentou a filosofia ocidental no Império Japonês durante a primeira metade do século XX.

Deve-se destacar, também, a identificação, a partir do pensamento de Nishida Kitaro, de como se dá a relação da filosofia ocidental com o pensamento japonês e o zen- budismo, ainda a partir de um viés filosófico-antropológico que, como já mencionado, é base de todo desenvolvimento e apresentação do pensamento kitariano ao longo do presente artigo.

Assim, a partir de todas as condições acima destacadas, entende-se que o estudo do pensamento japonês no citado período se mostra interessante, dado o contexto em que o Império Japonês esteve inserido na época em questão, além do próprio resultado de diálogos e conciliações de pensamentos e fundamentações realizados naquela época por Nishida Kitaro. Ambos expressaram o que ocorria na prática a partir do relacionamento diplomático do império com seus vizinhos e com o próprio hemisfério ocidental, no que tange à questões político-econômicas.

Este artigo mostra-se importante por abordar um tema pouco estudado no Ocidente, abrindo portas para pesquisas mais aprofundadas, visando o enriquecimento da compreensão dos diálogos entre Ocidente e Oriente em tempos cujas distâncias físicas se mostram cada vez mais insignificantes.

Além disso, em um mundo cada vez mais globalizado, sobretudo com a popularização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), os laços multinacionais e multiculturais estão cada vez mais atados, o que remete a novas e cada vez mais diversas possibilidades de estudos, compreensões e até comparações entre perspectivas de pensamento diferentes como o filosófico ocidental e a visão oriental.

Com relação à organização metodológica do presente artigo, busca-se realizar uma introdução acerca do contexto histórico e da própria evolução de Nishida Kitaro como filósofo inserido a este, culminando em fundamentações acerca de concepções de seu pensamento que suscitam uma visão antropológica e como esta se atualiza.

Para a composição do pensamento antropológico kitariano, além dos próprios escritos de Kitaro, especificamente *Nothingness and the religious overview* (KITARO, 1993), faz-se uso dos comentários de Maraldo (2012), Lutz Muller (2009) e Zavala (1981), assim como outros trabalhos identificados ao longo do artigo.

1 Contexto histórico

Uma confluência de fatores cruciais para os desenvolvimentos econômico e político do Império Japonês se apresentou entre o fim do Século XIX e início do Século XX, tendo como ponto de partida uma interação do referido império com o mundo ocidental, denunciando uma drástica alteração no estilo de vida dos cidadãos japoneses a partir daquele momento.

Assim, um ambiente de mudanças estruturais no modo de vida acaba por despertar um movimento intelectual de busca por novas fontes e diálogos, pautado pelas expectativas que os japoneses teciam acerca do Ocidente e mesmo de seus vizinhos orientais naquela época.

A Era Meiji, como foi denominado o período, se inicia com a ascensão do príncipe Mutsuhito, o iluminado, ao trono, logo aos 14 anos de idade, em 11 de maio de 1867 e se encerra com a ascensão de seu filho, Imperador Taisho, em 1912, com o Japão já inexoravelmente inserido no contexto mundial.

Em contraposição ao que se anunciava para o futuro com o entronamento de Mutsuhito, o período que antecedeu esta era, conhecido como Era Komei (Imperador

Komei, 1831-1867), se caracterizou por um Japão absolutamente fechado ao contexto externo, por uma predileção do próprio imperador, através de uma organização social que lembrava o feudalismo europeu (MURRAY, 1896).

A Era Meiji pode ser considerada o marco inicial da história moderna do Império Japonês e, mais, o marco histórico do início do período de cooperação diplomática moderna entre os hemisférios ocidental e oriental, com a consequente entrada deste na ordem mundial.

Consequentemente, inúmeras mudanças sociais ocorreram ao longo do período, como se pode destacar em uma carta de cinco artigos promulgada por Mutsuhito em 1868, logo após sua ascensão ao trono, acerca das novas regras para o “correto funcionamento” de uma sociedade moderna japonesa, sendo algumas delas bastante revolucionárias para a época, incluindo-se a formação de uma assembleia deliberativa, a universalização do ensino para todas as classes da sociedade japonesa e a abolição de comportamentos tradicionais como o *hara kiri*, o suicídio por honra (MURRAY, 1896).

Tal pensamento de cunho progressista se tornou o fio condutor do incremento das relações comerciais e diplomáticas com o hemisfério ocidental no final do século XIX, principalmente com os EUA, além dos países vizinhos na Ásia.

Adicionalmente, tais mudanças aqueceram uma tensão expansionista com os vizinhos asiáticos mais próximos, culminando em importantes guerras por aumento de poderio territorial e econômico, incluindo-se principalmente as guerras sino-japonesa e russo-japonesa, ambas vencidas pelas forças emergentes do Japão.

Durante a guerra sino-japonesa, entre 1894 e 1895, o Japão empenhou uma ofensiva expansionista (conhecida como imperialismo japonês) em uma tentativa de anexar a região da Coreia buscando estender sua influência ante a China (SHOUYI, 2008), tentativas estas que ocorriam desde a década de 1870, porém desta vez com o auxílio de seu maior aliado de então, os EUA.

Já a guerra russo-japonesa ocorreu mais tarde, entre 1904 e 1905, mesmo com o império demonstrando fraquezas econômicas consistentes, porém com um exército suficientemente poderoso para sufocar os russos e tomar o controle da região da Manchúria, em outra ofensiva expansionista nipônica (LONE, 1998).

2 Novos paradigmas filosóficos

A partir do que foi visto até o momento, os acontecimentos geopolíticos da época permitiram uma considerável expansão do Império japonês, sobretudo com auxílio dos

EUA mas, e até mesmo por consequência, um enfraquecimento do sentimento nacionalista japonês e da percepção tradicional da cultura japonesa por parte de seu povo.

Paulatinamente estudos acerca de questões específicas de países do hemisfério ocidental e os pensamentos mais característicos produzidos nestes foram incorporados na educação básica japonesa, incluindo-se o estudo acerca dos idiomas inglês e alemão, embora tenha havido a manutenção de estudos dos pensamentos clássicos asiáticos mais tradicionais a partir de Confúcio e Lao-tsé.

Dentro deste período viveu Nishida Kitaro (1870-1945), um dos mais importantes pensadores da história da civilização japonesa e principal pilar da Escola de Kyoto e do diálogo do pensamento japonês, com viés zen-budista, com os filósofos ocidentais. Seu trabalho foi fundamental para a compreensão dos pensadores ocidentais dentro da perspectiva japonesa, além de introduzir pensadores orientais como fontes de referência dentro da filosofia ocidental.

Segundo Maraldo (2012), a filosofia da Kitaro foi uma espécie de divisor de águas no pensamento japonês, dado que inseriu no Japão a disciplina criativa da filosofia praticada no ocidente, enriquecendo com fontes asiáticas de pensamento, promovendo novas bases para o tratamento filosófico do pensamento budista.

3 Nishida Kitaro, o filósofo japonês

A data de nascimento de Nishida Kitaro praticamente se confunde com o próprio início da Era Meiji, tendo ocorrido pouco mais de três anos após a ascensão ao trono de Mutsuhito, no dia 19 de maio de 1870 em Mori, uma vila às margens do Mar do Japão, ao norte da cidade de Kanazawa.

Dado o momento de nascimento de Nishida Kitaro, torna-se evidente que este acabou por ser influenciado desde tenra idade com as consequências da Era Meiji, uma vez que estudou o pensamento e idiomas ocidentais de maneira mais intensa ao longo de seu processo de educação básica.

“Nishida cresceu nos anos iniciais da Era Meiji (...) quando o Japão se reabria ao mundo após dois séculos e meio de isolamento e passava por uma Europeização revolucionária em suas instituições políticas, educacionais e culturais. Como incidiu sobre os primeiros anos de Nishida, tal modernização acabou se manifestando de forma rígida, por vezes em uma atmosfera escolar opressiva que demandava obediência ao imperador e, ao mesmo tempo, exposição às ideias progressivas da “Iluminação” Japonesa que foi introduzida ao país pela filosofia ocidental” (MARALDO, 2012) (tradução Livre do Autor).

Kitaro concluiu seus estudos básicos em Kanazawa, tendo estudado os clássicos chineses de Confúcio e Lao-tsé, assim como clássicos neoconfucionistas¹, paralelamente a estudos ocidentais como os idiomas inglês e alemão, assim como os pensamentos de filósofos ocidentais, dentre eles Hegel e Kant.

Após se formar na escola secundária de Kanazawa em 1890, Kitaro foi estudar filosofia na Universidade Imperial de Tóquio (UIT), tendo lá se aprofundado ainda mais nas reflexões de Hegel e Kant, sendo que mais tarde produziria uma fundamentação crítica à *Crítica da Razão Prática* (CRP) deste último, assim como estudou de maneira profunda o pensamento do filósofo germânico Arthur Schopenhauer, em uma das primeiras turmas de filosofia ocidental constituídas no Império japonês. Graduou-se em 1894, após apresentar um trabalho de conclusão de curso sobre a teoria da causalidade do pensador britânico David Hume (MARALDO, 2012).

Seu primeiro grande trabalho intelectual foi *An Inquiry to the Good*², publicado no ano de 1905, sendo que o sucesso deste trabalho garantiu uma posição de professor ao mesmo na Universidade de Kyoto (UK) em 1914 (DILLWORTH, 1993).

Segundo Maraldo (2012), a partir deste momento, Nishida Kitaro voltou suas atenções para estudos específicos acerca das fundamentações filosóficas de pensadores ocidentais como Henry Bergson, Hermann Lotze, Edmund Husserl, buscando uma perspectiva de análise acerca do pensamento dos mesmos a partir de sua própria visão e reflexão zen-budista.

Ao longo de sua vida, o filósofo japonês incluiu uma grande gama de temas analisados em seus estudos, nem sempre abordados diretamente, de fato, porém inseridos no contexto de suas reflexões, incluindo-se dentre os temas as artes, a moralidade, a antropologia, mais tarde a política, e sobretudo a religião, sempre a partir de uma perspectiva de consciência, experiência e, também, vontade (ZAVALA, 1981).

Os trabalhos publicados ao longo de sua vida foram suficientes para elevar o status de Nishida Kitaro como um grande pensador japonês de sua época, tornando-o requisitado em todo o império.

Rapidamente, estudantes brilhantes de filosofia como Kenji Nishitani passaram a buscar Nishida Kitaro para orientação da sequência de seus próprios estudos, assim

1. Neoconfucionismo foi uma vertente de pensamento oriental que floresceu a partir do século XV sobretudo no extremo oriente. Dada a expansão budista, assim como a consolidação dos fundamentos taoistas, estes se fundiram com o pensamento confucionista, formando uma nova perspectiva que considerava as três vertentes (ELMAN, 1983).

2. Uma análise do Bom (tradução livre do autor).

como filósofos japoneses já estabelecidos como Hajime Tanabe (MARALDO, 2012). A formação de um grupo em torno da figura de Nishida Kitaro acabou levando à formação do que ficou conhecido como “Escola de Kyoto”.

A Escola de Kyoto foi formada a partir do movimento filosófico inaugurado por Nishida Kitaro, “que tentava dizer na linguagem da filosofia ocidental, traduzida para o japonês, a experiência do mundo e do si-mesmo depositada na tradição zen-budista” (LOPARIC, 2009, p. 7-8).

Este grupo contou com ao menos quatro grandes gerações de pensadores, sempre voltados à promoção do diálogo filosófico entre as concepções desenvolvidas nos dois hemisférios.

A primeira geração da escola de Kyoto foi representada por Hajime Tanabe (1885-1962), contemporâneo mais jovem de Nishida Kitaro, considerado também um dos bastiões da filosofia contemporânea japonesa que determinou um diálogo entre o zen-budismo e os filósofos ocidentais. Para Tanabe, a filosofia não se trata de uma disciplina intelectual, mas algo fundamental, um processo de relação com o nosso próprio ser (BUCKINGHAM, 2011).

A segunda geração da Escola de Kyoto teve como principais representantes Shin’ichi Hisamatsu (1889-1980) e Kenji Nishitani (1900-1990), estudantes e alunos de Nishida Kitaro. Ambos também constituíram paralelos entre o pensamento *zen* e a filosofia ocidental.

Já a terceira geração teve como principais baluartes Koichi Tsujimura (1922), Shizuteru Ueda (1926) e Yoshinori Takeushi (1913-2002), igualmente engajados em paralelos entre o *zen* e o pensamento ocidental. O primeiro foi reconhecido como um proeminente tradutor de Heidegger, tendo inclusive estudado com o mesmo na década de 1950 (TSUJIMURA, 2008), o segundo traçou um paralelo entre o *zen* e Mestre Eckhart, e o último, por fim, atuou em interpretações puras do próprio pensamento *zen*.

Por fim, Ryosuke Ohashi (1944) foi o último destaque da escola de Kyoto, tendo focado seus trabalhos em estudos de Fenomenologia e Idealismo Alemão.

Após a quarta geração, a linha original de pesquisa da visão ocidental a partir do *zen* na Escola de Kyoto caminhou para seu fim, tendo esgotado seus recursos materiais e intelectuais. Todavia, a importância da mesma foi fundamental para o desenvolvimento filosófico japonês.

“Ela (a Escola de Kyoto) permanece atual, contudo, por ter sido o ambiente no qual surgiu o pensamento filosófico contemporâneo, que exerceu influencia significativa sobre a cultura japonesa da sua época e que continua objeto de interesse crescente de todos aqueles que (...) estão empenhados em continuar a desenvolver o diálogo entre o pensamento oriental e o ocidental” (LOPARIC, 2009, p. 8).

4 A filosofia kitariana

No decorrer de sua carreira e evolução da sua fundamentação filosófica e perspectiva dialética entre as contradições estabelecidas entre Ocidente e Oriente, Nishida Kitaro acabou por gozar de bastante prestígio em seu país.

Desse modo, acabou por desenvolver uma carreira intelectual bastante prolífica a partir da segunda metade de sua vida, com a publicação de pelo menos um grande título a cada dois ou três anos em um período de 3 décadas.

Nishida Kitaro tornou-se, então, a referência desta atmosfera multifacetada da filosofia japonesa na primeira metade do Século XX (MULLER, 2009). O filósofo japonês foi influenciado e acabou também por influenciar as grandes ondas de modernização intelectual no período citado.

“(Nishida) alcançou reconhecimento como o principal filósofo japonês durante seu momento como professor de filosofia na Universidade Imperial de Kyoto, durante seus quarenta e cinquenta anos de idade” (DILLWORTH, 1993, p. 1) (tradução livre do autor).

Como consequência da abertura do Império Japonês ao mercado ocidental, a cultura tradicional japonesa começou a desmoronar no período. Nishida passou, então, a ser visto pelos gestores imperiais como uma espécie de tradutor do pensamento ocidental sem ferir a perspectiva tradicional japonesa, tendo sido, inclusive, chamado por Konoe Fumimaro, então primeiro-ministro do Japão, para uma missão de “resgate” da tradição japonesa (MARALDO, 2012).

Kitaro concordou em trabalhar com o Império de modo a justificar e alçar o espírito do novo nacionalismo japonês. Desse modo, acabou por publicar um livro que obteve um abarrotador sucesso para a época chamado *O problema da cultura japonesa*, publicação esta tendo sido fruto de uma palestra de mesmo nome proferida no ano de 1938. Todavia, segundo Maraldo (2012), já no final de sua vida, seus pensamentos políticos passaram a ser bastante criticados por serem demasiadamente abstratos, não atingindo a compreensão em massa esperada pelo império.

Nishida Kitaro dedicou seus últimos anos à manutenção dos estudos de filósofos europeus, desta vez partindo de Descartes e Leibniz, passando por Kant, de forma a compilar aquela que pode ser considerada sua obra-prima, *The Logic of Place and the Religious Worldview*³, publicado dois meses antes de sua morte em 20 de julho de 1947.

Nesta publicação, Nishida realiza mais um diálogo, desta vez a partir da visão religiosa de mundo, traçando paralelos entre a existência de Deus e o pensamento absoluto zen-budista. No decorrer do texto, o filósofo japonês escancara seu viés pela experiência individual em detrimento de uma moral superior e exterior à vivência, argumento que pautou grande parte de sua produção filosófica.

“Na minha visão, o conhecer verdadeiro e a prática moral verdadeira emergem neste horizonte de individualidade verdadeira. Disso emerge o mundo da humanidade como o último ponto da própria negação absoluta (...). Quanto mais o *self* é individual, mais pode ser uma realização existencial. Esta é a base de meu dizer que o *self* existe em uma relação de polaridade inversa com o absoluto” (KITARO, 1993, p. 111) (tradução livre do autor).

Kitaro demonstra o que chama de “paradoxo de Deus”, que seria a relação dos homens face a face com o absoluto, em uma perspectiva dialética de constante presença e ausência. Segundo Kitaro, é justamente neste paradoxo de Deus que ocorre a celebração *zen* da experiência humana ordinária, que seria uma dimensão de liberdade absoluta, dado que a autodeterminação do absoluto se apresenta.

4.1 O método filosófico de Nishida Kitaro

Ao longo do processo de fundamentação filosófica, Nishida percorreu um caminho que acabou por derivar métodos próprios para investigação das diversas vertentes de seu pensamento.

Muito embora não tenha publicado especificamente uma obra acerca de um método específico (como Descartes o fez, por exemplo), é bastante possível detectar suas características ao longo das próprias obras, assim como o itinerário de investigação percorrido pelo filósofo japonês.

Primeiramente é válido ressaltar que Nishida comumente publicou seus pensamentos na forma de ensaios, semelhante ao que Ralph Waldo Emerson (1803-1882)

3. “A Logica de Lugar e a visão religiosa do mundo” (tradução livre do autor).

fazia anteriormente nos EUA, não se preocupando com uma lógica sequencial de publicações.

Tomando por base sua própria formação no seio de um pensamento oriental e zen-budista, a lógica de trabalho de Nishida Kitaro acabou por se fazer presente ao longo de sua obra ao invés de seguir um padrão linear cronológico coerente, assim como a própria busca por um diálogo pode suscitar a ideia do “caminho do meio”⁴, um dos pilares do pensamento budista.

Segundo Maraldo (2012), quatro diferentes “métodos” observados por Nishida Kitaro podem ser destacados. Em primeiro lugar, Nishida costumava tomar o mais inclusivo como o mais concreto, e também entendia que o que seria mais restrito, seria então mais abstrato. Nishida entendia por inclusivo aquilo que era mais familiar aos homens, por exemplo, o mundo dos homens e toda a dinâmica social seria mais concreto para uma concepção inclusiva do que o mundo físico, sendo que o primeiro é parte do segundo, ou seja, este “mundo dos homens” é uma espécie de conjunto que está contido no grande conjunto do mundo físico e, por isso, sua compreensão é mais concreta dentro daqueles que fazem parte deste conjunto em relação ao mundo físico que é, por fim, mais abstrato.

Um segundo método atribuído a Nishida se refere ao uso de um esquema explanatório do “todo” que se reflete em suas partes. Para ele, “se não há partes fora do todo, sua diferenciação deve ser explicada” (MARALDO, 2012). Por exemplo o conhecimento não é uma questão de duas realidades díspares (sujeito □ objeto), mas uma realidade concreta de reflexões mútuas, algo parecido com o pensamento fenomenológico que foi aprofundado por Martin Heidegger. Numa interação entre sujeito e objeto, mesmo não havendo um terceiro nesta relação, a diferenciação nessa interação deve ser entendida e explicada, de modo que o esvaziamento de ambos em ambos é o que vai ditar o processo.

O terceiro recurso metodológico de Nishida Kitaro era seu modo de elaborar o “dentro” em termos de algo compreensivo, ou seja, em uma perspectiva de envelopamento (MARALDO, 2012), compreendendo a visão de um “dentro” como um “todo”. Em outras palavras, neste caso é possível destacar a questão de uma visão holística do todo, não havendo um “dentro” e um “fora”, questões “incluídas” e “excluídas”. A partir da fundamentação do pensamento kitariano, temos o próprio Nada Absoluto como o lugar onde absolutamente há possibilidade de que tudo aconteça.

4. Segundo Kalupahama (1979), o caminho do meio é justamente a mediação entre extremos, perspectiva recorrente nas fundamentações budistas.

Por fim, como quarto método kitariano havia a forma como Nishida tratava oposições e distinções, enfatizando alternativamente seus embasamentos indiferenciáveis ou suas relações irreduzíveis (MARALDO, 2012). Neste ponto é possível compreender as relações eu-outro ou um-muitos, onde há oposições e distinções, porém a análise de diálogo perpassa por semelhanças e não por diferenças.

Como já se pode observar, a fundamentação filosófica de Nishida Kitaro se volta continuamente à ênfase, à relação e à dialética, até mesmo desenvolvida naturalmente a partir de sua proposta de diálogo com outros pensamentos alheios à perspectiva japonesa.

Em suma, dentro da questão metodológica, há de se destacar a rejeição de Nishida ante axiomas ou definições diretas a problemas, substituídos por visões holísticas de problemas próprios do pensamento oriental.

5 Antropologia filosófica kitariana

Nishida Kitaro não desenvolveu propriamente uma teoria para fundamentação do homem, dentro de um ramo específico da antropologia filosófica, por exemplo, assim como não escreveu qualquer ensaio em relação a problemática do “que é o homem?”. Todavia, até por conta da fundação dialética entre pensamentos distintos e suas visões, é possível observar conceitos-chave relativos a uma perspectiva antropológica do filósofo japonês.

A título de exemplo e comparação, Martin Heidegger também não se interessou em escrever especificamente sobre ética, porém, através de suas Carta sobre o Humanismo, é possível capturar fundamentos que endereçam para uma reflexão por uma ética originária, que acabou por se tornar uma espécie de marca do pensamento ético de Heidegger (CORRÊA, 2001).

Deve-se levar em consideração, também, que Nishida Kitaro estava inserido em um status quo zen-budista, sendo que tal perspectiva aparece em diversos pontos de sua obra. Assim, cabe ressaltar dois aspectos fundamentais de sua filosofia, que se adaptam aos conceitos de antropologia filosófica.

O primeiro aspecto é a questão da vacuidade, que para facilitar a compreensão, será denominada *vazio*. A concepção de *vazio* na tradição zen-budista não se refere à um niilismo ou simples ausência material, mas possibilidade de ocorrência de tudo. Em outras palavras, a título de exemplo, para que uma interação possa ocorrer, ou

simplesmente para que haja possibilidade de preenchimento, é necessário um vazio (vazio à ser preenchido por tudo). Com esta lógica, quanto mais o indivíduo se esvazia, mais ele abre possibilidades de se preencher.

O segundo aspecto é o caminho do meio, um meio-termo entre a existência e não-existência, a automortificação e o culto ao material, uma mediação entre extremos (KALUPAHAMA, 1979). A busca pelo caminho do meio é um dos preceitos budistas e aparece com bastante frequência na própria forma de fazer filosofia de Kitaro (diálogos, busca por mediação).

Dentro da ideia de diálogo uma variante importante pode ser obtida, segundo afirma Muller (2009) a respeito da intenção de Nishida Kitaro no estudo e enraizamento da filosofia ocidental no Japão:

(seu projeto filosófico) tem a pretensão universalista de uma fecundação recíproca da cultura ocidental e oriental, apesar da ambivalência política e da estreiteza história que a adesão de Nishida à casa imperial guarda para nós (MULLER, 2009, p. 150).

Nishida entendia que o pensamento japonês faria o papel de mediador entre o ideário meditativo oriental com o racionalista europeu e americano. O espírito japonês (seishin) é articulado por Kitaro com o espírito hegeliano (Geist), sendo o primeiro “o lugar de mediação entre a modernidade ocidental (...) e a tradição da interioridade meditativa” (MULLER, 2009, p. 150).

Em outras palavras, Kitaro compreendia que o papel de mediação do pensamento japonês seria fundamental para estabelecer uma espécie de caminho do meio filosófico, um florescer de uma nova perspectiva que combinasse o pensamento esvaziante meditativo oriental com a cognição ocidental, vindo a “liberar a humanidade do eurocentrismo e devolvê-la à sua identidade plural” (MULLER, 2009, p. 150).

Maraldo (2012) apresenta cinco fundamentos do pensamento antropológico kitariano, sendo eles: “eu-outro”, “um-muitos”, “centro descentralizado”, “ação-intuição” e “todo momento”.

Em uma interação entre dois indivíduos, “eu-tu”, temos que o eu se reconhece por tal no momento em que se vê como “não-tu” (MARALDO, 2012). A compreensão de se ver como “não-tu” é no próprio sentido de esvaziamento do outro, não como rejeição, mas como possibilidade de se esvaziar daquilo que se tem do outro e estar aberto para receber e se preencher do outro de fato. Trata-se de uma interação de reconhecimento, onde o “eu” se reconhece no outro como não sendo este “não-tu”, despertando-se para sua própria “verdade”.

Segundo Kitaro,

“Quanto mais alguém é indivíduo, mais este se posiciona na verdade, em sua própria liberdade absoluta. Mas enquanto como pessoa fica amarrado ao lado de fora, como seria, na determinação do instinto biológico, ou ainda ligado internamente pelas suas próprias determinações racionais, este indivíduo não está ainda livre em um sentido religioso”⁵ (KITARO, 1993, p. 111) (Tradução livre do autor).

Já com relação ao “um-muitos”, trata-se de uma interação em escala social, saindo da interação particular entre indivíduos e já entendendo que o “mundo dos homens” é feito de interações mútuas, sendo que numa relação “eu-tu” existe também um “ele”.

Kitaro recorda que muito embora as interações se dão em escalas coletivas, o indivíduo é fundamental para a construção deste coletivo, afinal, é o indivíduo que se reconhece no outro, ou não sendo o outro, esvaziando-se (MARALDO, 2012).

Assim, seguindo o raciocínio que começa com um indivíduo que se esvazia do outro para poder interagir com o mesmo, sendo que esta interação está inserida em um conjunto de interações, observa-se a concepção de “ação-intuição”. Kitaro compreendia que uma ação é precedida por uma intuição, ou seja, uma ação se dá a partir de uma intuição. Ora, Kitaro compreendia a evolução histórica não como um continuum cronológico, mas como algo cíclico. Esta ação resultada de uma intuição, que resulta em uma nova intuição, que gerará uma nova ação, que resultará em nova intuição e assim sucessiva e infinitamente.

Retomando à questão da individualidade como fator importante do funcionamento do esquema filosófico aqui apresentado, surge a concepção de “centro descentralizado”. Kitaro compreendia o universo como sendo um círculo contendo o Nada Absoluto, sendo que absolutamente tudo teria possibilidade de ocorrer neste nada. Todavia, entendia não haver um centro único para este círculo imaginário (algo como uma moral idealista, por exemplo). O centro seria tomado por cada indivíduo, que “veria” o mundo a seu modo (MARALDO, 2012).

Por fim, o “todo-momento” kitariano indica que dentro do espaço em que os movimentos do universo ocorrem os tempos coexistem, ou seja, o presente traz con-

5. É muito importante ressaltar, para evitar desentendimentos, que este modo de pensamento se vincula ao nada absoluto e a temática de *nirvana* dada pela tradição *zen*. Segundo estas tradições, quanto menos amarrados aos impulsos externos e aos próprios preconceitos um indivíduo estiver, mais livre este será e estará disponível para experimentar novas experiências. O nirvana como vazio não deve ser comparado a um pensamento negativo niilista mas, sim, um vazio de liberdade onde questões que possam impedir o caminhar do indivíduo estão definitivamente retiradas (nota do autor).

sigo o passado que o culminou e direciona para o futuro como consequência. Este lugar ou espaço onde tudo acontece é denominado *bashô*.

Conclusão

O termo 'diálogo' é utilizado no presente trabalho como a 'intenção' dialética de mediação de visões de tradições diferentes, ou seja, oriental e ocidental na busca de uma síntese, aqui claramente endereçando a questão central do pensamento hegeliano. Ele envolve a construção do conhecimento a partir de uma tese, sua antítese e, finalmente, uma síntese que se desenrola neste choque mediado, no caso do pensamento kitariano, pela própria tradição japonesa.

Após a análise realizada com foco no pensamento kitariano, entende-se que tese e antítese se revezam entre pensamento japonês e fundamento filosófico ocidental, dependendo da abordagem, cuja mediação é necessariamente realizada a partir do *seishin* japonês, e a síntese é a própria conclusão de que se faz a partir do diálogo.

Assim, a partir da conclusão que a mediação das partes em "tensão" é realizada dentro da perspectiva do espírito japonês, outra fundamentação oriental se estabelece de modo diferencial como resultado do movimento filosófico kitariano: o búdico caminho do meio.

Ora, sendo a síntese o caminho do meio, o ponto de concordância ou equivalência entre tese e antítese, conclui-se que o próprio movimento segue uma tendência zen-budista (no caso, advinda dos pensamentos primordiais budistas), que é a busca pelo caminho do meio como forma de chegar ao equilíbrio a partir desta forma de pensamento, em outras palavras, a fuga dos radicalismos em busca de um consenso.

Ou seja, a conclusão fundamental que se chega a partir de uma análise geral dos resultados do presente trabalho é que, embora haja uma grande influência ocidental a partir do ingresso do Império Japonês ao contexto geopolítico global no decorrer da Era Meiji, toda a análise e compreensão realizada pelo filósofo japonês se dá em uma perspectiva fundamentalmente oriental, estabelecendo a filosofia japonesa como mediadora na busca do caminho do meio, preceito budista, da tensão filosófica entre os dois hemisférios.

Quanto ao homem kitariano, a partir das concepções destacadas no artigo, conclui-se que indivíduo é experiência. Sua verdade absoluta ocorre quando este, no meio, se desvincula dele, assim como se desvincula de seus próprios preconceitos. Todavia,

se desvincular do meio não significa não estar inserido neste, mas, de fato, significa não estar ligado e apenas responder a este, não vivenciando a própria verdade, e não se desvinculando dos próprios desejos.

Referências

CORRÊA, Raquel Vilma. A perspectiva ética da “Carta sobre o Humanismo de Martin Heidegger”. *Μετανόια*. n. 3. São João del Rei, 2001, p. 51-54.

DILLWORTH, David. Introdução, *in*: KITARO, Nishida. **Last Writings: Nothingness and the religious worldview**. Honolulu: Univ. Of Hawaii, 1993.

KALUPAHANA, David. The early buddhist notion of the middle path. **Eastern Buddhist Society**, volume 12, edição 1. Kyoto: 1979.

KITARO, Nishida. **Last Writings: Nothingness and the religious worldview**. Honolulu: Univ. Of Hawaii, 1993.

LOPARIC, Zeljko. A Escola de Kyoto no Brasil. In: LOPARIC, Zeljko (Org.). **A Escola de Kyoto e o perigo da técnica**. São Paulo: DWW Editorial, 2009.

LONE, Stewart. **The Japanese Military during the Russo-Japanese War, 1904-05: A Reconsideration of Command Politics and Public Images**. The Suntory Centre – discussion papers. Londres, 1998.

MARALDO, John C. Nishida Kitaro. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford, summer 2012. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2012/entries/nishida-kitaro/>> Acesso em: 25 de novembro de 2013.

MÜLLER, Marcos Lutz. A experiência religiosa e a lógica tópica da autodeterminação do presente absoluto (Nishida Kitaro). In: LOPARIC, Zeljko (Org.). **A Escola de Kyoto e o perigo da técnica**. São Paulo: DWW Editorial, 2009, p. 149-181.

MURRAY, David. **Japan**. 3ª ed. Nova Iorque: G. P. Putnam’s Sons, 1896.

SHOUYI, Bai. **An outline history of China**. Pequim: Foreign Languages Press, 2008.

TSUJIMURA, Koichi. Martin Heidegger’s thinking and japanese philosophy. Tradução de Richard Capobianco e Marie Göbel. **Epoche**, Vol. 12, Edição 2, p. 349-357. Charlottesville, 2008.

ZAVALA, Augustin Jacinto. Acercamiento a la filosofía de la historia en Nishida Kitaro, *in*: **Relaciones**, Edição 5, p. 130-152. Michoacán, 1981.

